

## A religião em “A Paixão de Jacobina”\*

Por Joe Marçal Gonçalves. dos Santos\*\*

### Resumo:

Neste texto, procuro desenvolver uma reflexão acerca da religiosidade protestante a partir da personagem principal do filme “A Paixão de Jacobina”. Exploro a relação de cumplicidade e, ao mesmo tempo, ambigüidade entre o plano antropológico e o teológico prefigurado numa relação com o Sagrado em que se instaura a contradição, o conflito e o juízo, em lugar da simultaneidade e da graça que caracteriza a teologia luterana. Por fim, aponto para além do filme com considerações hipotéticas a respeito do fenômeno social dos Muckers como exemplo histórico de uma certa incompatibilidade entre a teologia protestante e os movimentos religiosos de massa.

Para fazer justiça ao próprio filme, a primeira consideração que faço é sobre meu próprio olhar - tendo em vista que o filme se recomenda, conforme o próprio diretor Fábio Barreto, a olhares mais distraídos, buscando uma ponta de reflexão. Devo confessar, infelizmente, que não fui muito convencido pela distração e tampouco encontrei a ponta de reflexão que o diretor se propunha - daí minha opção por uma reflexão mais “a partir de” que do próprio filme.

Dito isso, há que se considerar o evento Mucker em si, narrado e visualizado (incluindo aí pontos de vista) pelo filme. Quer dizer, mesmo querendo exercer um olhar especificamente teológico, não dá para não se deixar atravessar por elementos psicanalíticos, sociológicos, históricos, e poéticos, imaginários, fantásticos.

Inclusive, essa pluralidade de olhares é, por si mesma, característica do cinema, sendo o caso de “A paixão de Jacobina”, tratado dentro de um encontro de

---

\* Texto apresentado no I Seminário de Estudos do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo - A paixão (e a religião) de Jacobina: debates sobre o movimento Mucker, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 20 e 21 de novembro de 2002.

\*\* O autor é doutorando em Teologia, sob o tema da teologia da cultura audiovisual (EST/CAPES).

discussão acerca do movimento Mucker, endossado pela ressalva de Janaína Amado em *Conflitos sociais no Brasil*: “Os movimentos messiânicos confundem... É preciso penetrar dentro da ‘loucura’ e da ‘anormalidade’ para, centrado ali, conseguir perceber conexões, funções e significados”<sup>1</sup>. Nesse sentido, o próprio filme, enquanto discurso audiovisual sobre o movimento Mucker, é uma narração que se quer, ao seu modo, mergulhada na “loucura” e na “anormalidade”, pressupondo e exigindo um mesmo mergulho do público que o assiste.

Na verdade, o terreno que estamos pisando, em se tratando de cinema e de “movimento Mucker”, é o do simbólico, do mágico, das transfigurações de eventos e geografias pelo sonho. A vocação do cinema é ser um meio catártico e revelador por excelência; sua capacidade “mitológica” lhe permite ser documento do espírito de sua época. E isso, mesmo ao se tratar de um filme passível de uma classificação como o de “cinema-escola”<sup>2</sup>, e mesmo que se possa questionar o quanto o próprio filme penetrou devidamente na “loucura” e na “anormalidade” que procura representar<sup>3</sup>.

Assim, é sob toda essa imprecisão que o filme de Fábio Barreto coloca a religião de Jacobina Mentz Maurer sob um ponto de vista inaudito: de sua paixão, de sua sensualidade, sua intimidade e sua loucura. A proposta do filme, definitivamente, não é uma revisão histórica e conceitual, mas, sim, uma romantização declarada de um mito<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Janaína AMADO, *Conflito social no Brasil: a revolta dos ‘Muckers’*, p.17,18.

<sup>2</sup> Ao lado de produções como “Mauá, o imperador do Brasil” entre outros.

<sup>3</sup> Uma questão que eu mesmo levanto: em que medida “A paixão de Jacobina” consegue dar conta do tema que se propõe? Achei o filme, em boa medida, desapassionado e, em seu desdobramento narrativo, acaba cedendo à construção histórica dos eventos, o que acaba inevitavelmente fazendo mal, pois se quer um filme sobre a paixão de uma mulher. Em palavras bem simples, é complicado para um filme sobre o amor de duas pessoas que morrem no “fogo” de sua paixão não fazer apaixonar e queimar algo dentro da gente mesmo.

<sup>4</sup> Com “romantização” não estou querendo ser necessariamente taxativo; o caso de “O Quatrilho” (do mesmo cineasta), por exemplo, poucas suspeitas sobre o filme foram levantadas quanto a sua “veracidade histórica”. O problema, então, se revela um debate historiográfico no que diz respeito ao audiovisual como objeto de investigação do historiador, que se nega ser tratado como documento textual e evidencia o complexo jogo de objetividade e subjetividade na construção de narrativas e representações históricas (cf. discussão em Andrea Paula dos SANTOS, O audiovisual

Dito também isso, proponho uma reflexão enfocando este “núcleo” narrativo, a personagem de Jacobina. A pergunta que trago comigo, antes da própria religião, é acerca da paixão que atinge Jacobina e (re)define sua vida completamente e sua teologia, expressando-se exclusivamente no ato religioso. O que reflete da própria Jacobina a religião, a pregação, a visão de mundo que promove? Se sua paixão está assim tão interligada com sua religião, que implicações têm o dualismo, o sentimento de “fins dos tempos”, as visões e os êxtases para si mesma no que diz respeito a sua corporeidade, a constituição de si mesma? Assim, a reflexão que proponho quer explorar a cumplicidade entre teologia e antropologia e suas implicações mútuas, na direção dada pelo filme: da ambigüidade entre o plano antropológico e o teológico prefigurado numa relação com o sagrado em que se instaura a contradição e o conflito em lugar da simultaneidade e da graça.

Primeiramente, mesmo o público do filme não é poupado de uma ambigüidade fundamental que evoca a narrativa: Jacobina é louca ou santa? Tem uma doença ou um dom? Sua paixão é carnal ou espiritual? É corpo ou espírito? O episódio dos Muckers, como tal, depende desta ambigüidade<sup>5</sup>, que o filme não só sugere como mantém sem definitivas, com exceção de um aspecto: se não é passível de solução a dubiedade de Jacobina, se não há como resolver se trata-se de algo legítimo ou não, certo é que são alternativas opostas, relacionadas e simultâneas dentro de uma mesma personalidade. Disso consiste a ambigüidade de Jacobina, de onde emana também sua aura sagrada: o que para o pastor é vestir-se como uma prostituta, para o devoto é tornar-se apenas alma.

Aqui, porém, uma dualidade se impõe no interior da própria personagem: em detrimento de sua ambivalência, ela se entende dentro de um processo de abandono de um elemento para permanecer apenas com outro. Isto é, a missão de Jacobina, levada a efeito, implica num despojar-se, numa desencarnação idealizada e

---

como documento histórico: questões acerca de seu estudo e produção. Disponível na Internet em <http://www.mnemocine.com.br>, 23.06.2002).

<sup>5</sup> Cf. Janaína AMADO, *Conflito social no Brasil: a revolta dos 'Muckers'*, p.289-90.

contraditória, expressa na cena em que se entrega a Jesus: Jacobina, indiferente à filha, permanece numa atitude extática em seu quarto, quando tem a visão de uma cruz sustentando o Cristo crucificado, surgindo em meio à luz; caminha até a cruz, toca o corpo de Jesus, se despe e se entrega ao Cristo. A sensualidade da nudez, a excitação do toque, a declaração verbalizada contrasta com a luz excessiva, que, ao mesmo tempo, em que sugere pureza, permite contornos e sombras do corpo nu de Jacobina e do Jesus entalhado na madeira. Embora a personagem entenda experimentar ali um novo nascimento, as imagens confundem mística e sexo exigindo a permanência da ambigüidade mesmo e justamente quando se pensa estar superando-a religiosamente.

Assim, a religião, a santidade, a missão de Jacobina se impõe heteronomamente, isto é, como um princípio externo que, se fazendo próprio, pretende sufocar tudo o que a liga a sua carnalidade, sua paixão, sua vida - coisas, então, tidas agora como “exteriores”, embora sejam tão íntimas. Visto assim, o “movimento” nasce e explode no interior de Jacobina, e progressivamente vai assimilando as implicações sempre mais amplas desta ambigüidade e deste conflito que ela experimenta em si mesma. Isto é, acontece um “reordenamento” do mundo a partir de uma religião tão intensa quanto a paixão que oculta: à sua paixão “carnal” pelo primo e a relativa culpa, segue a um desprezo do corpo que toma proporções de um abandono do mundo e, logo, numa guerra contra o mundo. Sua paixão “espiritual” por Jesus e a relativa expiação levam Jacobina a ser “apenas espírito”, o que se redimensiona numa comunidade espiritual, de pessoas separadas e escolhidas como justas, logo, legítima e efetivamente “contra” os não separados e não escolhidos. Sem levar em conta sua própria ambigüidade, a imediação do sagrado leva inevitavelmente a uma estrutura idolátrica de fanatismo e sectarismo, a identificação concreta do sagrado aqui e agora.

A novidade que o filme traz sobre estes elementos típicos de “movimentos messiânicos”<sup>6</sup> está na interpretação do mito messiânico em torno da personagem Jacobina, o “Cristo Mulher”: sua santidade (divina para uns, demoníaca para outros) e sua lascívia, igualmente intensas e avassaladoras, são movidas por uma mesma “paixão”. Jacobina, quando nega a si mesma, ainda que radicalmente e em favor de outros, o faz “apaixonadamente” em causa própria. Isto é, ainda que dada nos moldes heterônomos de religiosidade fanática e sectária, o messiado de Jacobina nasce de um impulso de autonomia primeiramente bastante subjetivo, mas que acaba agregando em torno de si uma causa e uma multidão de seguidores. E, definitivamente, isso nos coloca diante da fonte de todo o problema: a ambigüidade entre elementos antropológicos e teológicos assumidos numa relação de oposição excludente, caindo na *hybris* enquanto “inchaço” da virtude a ponto de torná-la viciosa.

Esta ambigüidade fundamental para qual aponto, de alguma forma, implica no reconhecimento de uma complementação, ainda que em oposição, da comunidade externa ao círculo “Mucker” ao próprio movimento. Sem esta força, digamos, centrífuga, a constituição (centrípeta) do messiado de Jacobina seria impossível. É bom lembrar, indo um pouco além do próprio filme, que o movimento Mucker é um testemunho histórico tanto do surgimento, crescimento e quase completa dizimação de um grupo religioso, quanto da situação sócio-cultural a qual pertence este movimento, de desapropriação, empobrecimento e surgimento de algo inusitado tanto para a vida social como religiosa: uma população empobrecida na colônia de imigrantes, a qual sugiro referir como “massa”, em oposição a uma elite econômica em ascensão.

---

<sup>6</sup> Três características principais constituem o “movimento messiânico” que o filme também insere em sua narrativa: (1) a expectativa de fim dos tempos iminente com a inauguração de um novo tempo, (2) uma liderança carismática que represente o novo ensino/nova humanidade, e (3) a construção de um novo espaço social em que estes elementos se concretizem. (Cf. Janaína AMADO, *Conflito social no Brasil: a revolta dos ‘Muckers’*, p.279, nota ‘1’).

Ou seja, o “reordenamento do mundo” que Jacobina experimenta é correlativo à nova ordem social que surgia, que ela experimentava pela situação de menina e mulher imigrante em si e agravada pelas reconfigurações sociais que a colônia experimentava. É certo que o filme pouco contempla essa questão, desencarnando sensivelmente a “paixão/religião” de Jacobina de seu contexto político e social. Porém, vale lembrar a ocasião em que se dá o diálogo entre o pastor e Jacobina, logo depois de sua primeira experiência, quando ouve a voz de Jesus:

J: “Falei com Jesus...” / P: “Ele fala a todos nós...” / J: “Ele disse que sou especial...” / P: “Aos seus olhos, todos somos...” / J: “Pastor, o senhor não está me entendendo...”

Este diálogo preconiza toda a inevitável incompreensão, mas também a significativa cumplicidade entre a colônia e a comunidade Mucker, entre o culto do Ferrabraz e o culto oficial, entra a teologia de Jacobina e a teologia do pastor. A teologia hiperinclusivista do pastor já não legitima, já não faz eco, já não alcança as necessidades, as carências e os interesses de Jacobina e a população que ela representa. Para Jacobina, a experiência religiosa deveria reconstituir seu centro pessoal e não, ao contrário, diluí-la numa comunidade a qual já não pertence, numa experiência que não é sua.

Se para Jacobina, a confluência de paixão e religião tem um papel catártico, o mesmo acontece para o próprio movimento, que toma a forma de um fenômeno catártico de massa em que religião e paixão se entrelaçam, contaminam, formam e deformam. Se há algo de doentio e heterônimo nessas manifestações, há que se lembrar do que a representação da personagem de Jacobina indica: o elemento de autonomia que sai em busca de sua própria constituição. Essa busca é legítima e deve ser resguardada, e poderia ser entendida, dentro da tradição teológica protestante, como um movimento também de protesto, que acaba tomando proporções (de movimento, de revolta) que julgam não isoladamente alguns fatores, mas toda uma situação sócio-cultural.

Jacobina figura, então, neste filme, um ícone trágico de um messianismo que surge como protesto legítimo. Pois, a loucura e a anormalidade não deveriam ser o teologicamente escandaloso, pois estes são elementos legítimos da religião, e o próprio cristianismo deita aí suas raízes. O problema também não deveria ser o fato de Jacobina ter encontrado em sua paixão a sua religião, em seu corpo o seu espírito, em sua demência a sua razão, pois a “encarnação” e a “simultaneidade” são princípios fundamentais do cristianismo e do protestantismo. O trágico está no fato de a “graça almejada” de Jacobina tornar-se, para ela, a sua desgraça, conforme o final do filme: o dia da purificação se consuma, mas o fogo purificador é a oportunidade derradeira de viver o seu amor, morrendo em seus braços, e ali termina tudo. Pensando em termos de teologia protestante, a sua religião passou longe de lhe dar condições de viver sua humanidade, e pretendendo vencer sua ambigüidade tornou-se não apenas ambígua, mas psíquica, moral e religiosamente abalada, contraditória e conflitiva. Fica, finalmente, a questão se a crise religiosa que o fenômeno social dos Muckers traz consigo, representado em “A paixão de Jacobina”, não seria um exemplo expressivo, também hoje, da incompatibilidade entre a teologia protestante e os movimentos de massa.

## Créditos e referências bibliográficas

*A Paixão de Jacobina*, 2002. 100 minutos. Direção: Fábio Barreto. Produção: Lucy Barreto e Luiz Carlos Barreto. Música: Jaques Morelenbaum. Fotografia: Felix Monti. Direção de Arte: Hélio Eichbauer.

AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos 'Muckers'*. São Paulo: Símbolo, 1978.

CAMARGO, César S. Os “Muckers”: movimento messiânico protestante no Brasil. Simpósio. v. 7, n. 33, dezembro de 1990. p. 26-38.